

# De lagartinhas muito brincalhonas: Recriações do livro-álbum clássico de Eric Carle em Portugal

*Carina Rodrigues*

CIEC – Universidade do Minho / CLLC – Universidade de Aveiro

**Resumo:** Pretende-se, com este estudo, analisar um conjunto de adaptações/recriações em livro-objeto de que foi alvo o livro-álbum clássico de Eric Carle, *A lagartinha muito comilona* (1969), com destaque para a sua edição em Portugal. Atentando nos formatos e nas suas características discursivas (linguísticas e pictóricas) e/ou retórico-estilísticas mais relevantes, conclui-se acerca dos aspetos mais diferenciadores e/ou aglutinadores que o seu processo de mutação/reconfiguração permite observar.

**Palavras-chave:** livro-objeto; livro-brinquedo; Eric Carle; pré-leitores.

## 1. Introdução: apontamentos para uma leitura da obra de Eric Carle

Responsável pela criação por inteiro de mais de 70 publicações, Eric Carle (Syracuse, New York, 1929) integra, ao lado de Tomi Ungerer, Maurice Sendak, Leo Lionni ou Mercer Mayer, entre outros, o grupo veterano do *picturebook*, constituindo, atualmente, um dos nomes imprescindíveis da literatura de potencial receção infantil e um dos mais premiados e divulgados internacionalmente.

Formado em Belas Artes (1950) pela prestigiada “Akademie der Bildenden Künste” de Estugarda, na Alemanha, país onde residiu na sua infância, regressa aos Estados Unidos em 1952, onde vem a exercer, primeiro, como *designer* gráfico no conceituado “The New York Times” e, mais tarde, como diretor de arte numa agência publicitária. A oportunidade que, entretanto, lhe surge para ilustrar obras para crianças (*Brown Bear, Brown Bear, What Do You See?*, por Bill Martin Jr.) é que estimula o artista plástico a publicar os

seus próprios livros e a seguir carreira, estreando-se, em 1967, na escrita e ilustração de livros-álbum. O seu primeiro título, *1, 2, 3, To The Zoo*, vindo a lume em 1968, logo constituiu um sucesso de vendas, porém é o aparecimento, no ano seguinte, de *The Very Hungry Caterpillar* (1969) (na tradução literal, “a lagarta esfomeada”) que estabelece o autor como criador de obras para crianças. Os títulos que lhe seguem vêm confirmar a sua vocação e cunhar a sua técnica: a exemplificá-lo surgem *The Very Quiet Cricket* (1990) e *The Very Lonely Firefly* (1995), cujos dispositivos sonoros e luminosos, respetivamente, permitem a Eric Carle dar luz e voz e tornar mais realista a presença dos seus pequenos insetos-protagonistas.

Tido por muitos como o (re)inventor do conceito do “livro-brinquedo” (porventura, numa sua moderna aceção/sofisticação)<sup>62</sup>, o aclamado artista plástico, galardoado com os prémios da Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha, da Associação de Livrários Infantis e da Associação Americana de Bibliotecas, entre outros, e (co)fundador, em 2002 (ano em que ainda edita *The Art of Eric Carle*, a sua autobiografia), do *The Eric Carle Museum of Picture Book Art* – primeiro museu norte-americano de grande escala consagrado à arte do livro-álbum, fascina miúdos e graúdos “pela forma natural como apresenta o mundo e a inevitabilidade dos seus ciclos em formatos suficientemente atraentes para despertar a curiosidade pueril de um modo atento e relevante”<sup>63</sup>.

Admirador sensível dos universos e interesses infantis, Eric Carle extrai as suas histórias de um vasto saber e amor pela Natureza, avivando nos mais novos o seu desejo de aprender sobre o mundo que os rodeia. O respeito que demonstra ter pela criança, para com os seus sentimentos, os seus medos e emoções, para com a sua curiosidade, a sua criatividade e o seu crescimento intelectual, são os que, aliados à sua obra de arte – simbiose perfeita de texto e imagem –, convertem a leitura dos seus livros numa experiência tão estimulante quanto duradoura.

De traço inconfundível, mais conhecido pelo recurso à colagem de pequenos papéis translúcidos coloridos, que pinta à mão, recorta, rasga e cola

---

62 Sem sonegar as suas origens inscritas ainda na Idade Média (Martins & Silva, 2018), bem como o lugar máximo de vultos precursores como Robert Sabuda, por exemplo, com destaque, no caso, para a engenharia de papel, também reconhecemos o contributo criativo e laborioso, senão mesmo fundamental, de Eric Carle para uma revivescência do livro-brinquedo na sua segunda idade de ouro, especialmente no que à edição para os mais novos e ao livro-álbum, em particular, diz respeito.

63 *Eric Carle* in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$eric-carle](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$eric-carle).

para criar as suas próprias cores e texturas e dar corpo às suas ilustrações, Eric Carle prima por um estilo de abordagem original a temáticas simples – das quais sobressai um elogio da Natureza –, e cuidadosamente ajustadas às preferências dos mais novos. Mas é do experimentalismo e da valorização *sui generis* da materialidade do livro que ressuma também a criatividade do artista, que tão assiduamente, nos seus volumes, propõe a incorporação de elementos sensoriais, como luzes, sons, efeitos de paginação incomuns, materiais e texturas diversificados, enquanto estímulos valiosos para o fomento de uma apropriação lúdica, interativa e prazerosa da leitura, primeiro passo para a formação do gosto leitor.

Sejam elas “muito silenciosas”, “resmungonas” ou “esfomeadas”, desprovidas de nomes próprios e de voz narrativa, de comportamentos, objetivos e/ou conflitos inerentes à individualidade humana, as personagens que ficcionam relevam, no mais das vezes, de um visível desapego do antropomorfismo, numa fórmula de escrita ou num tipo de representação que quase remete para uma categoria da não-ficção, transportando a criança-leitora para o drama do mundo natural. Esse mesmo *modus operandi*, manifesto em histórias como *The Tiny Seed* (1970), *The Mixed-Up Chameleon* (1975) ou *The Grouchy Ladybug* (1977), entre várias outras, é também o que motiva a criação de *The Very Hungry Caterpillar*, o volume que trazemos hoje para o debate, dada a sua relevância e o seu sucesso contínuo ao longo dos tempos.

Partindo do pressuposto de que o livro-objeto resulta de uma transfiguração da leitura que materializa o ritmo, o sensorial, o plástico, sugestões poéticas e jogos gráficos e visuais, potenciando “uma nova emoção [n]o leitor – informando, estimulando, intrigando, comovendo e entretenendo” (Paiva, 2010, *apud* D’Angelo, 2013, p. 36), pretende-se, seguidamente, analisar um conjunto de adaptações/recriações em livro-objeto de que foi alvo o livro-álbum clássico de Eric Carle, *A Lagartinha Muito Comilona*, com destaque para a sua edição em Portugal, enquanto obra modelar que se oferece à admiração e à imitação, exigindo, por tal, que se conheça e apreenda, também aos níveis crítico e analítico. Atentando nos formatos e nas suas características discursivas (linguísticas e pictóricas) e/ou retórico-estilísticas mais relevantes, conclui-se acerca dos aspetos mais diferenciadores e/ou aglutinadores que o seu processo de mutação/reconfiguração permite observar.

## 2. Recriações de *A Lagartinha Muito Comilona*: de livro-álbum a livro-brinquedo

Decerto, quando, em 1969, deu à estampa este seu segundo livro-álbum, Eric Carle estava longe de imaginar que viria a vender mais de 40 milhões de exemplares, ou mesmo que chegaria a ultrapassar o volume de 120 milhões de vendas no conjunto da sua obra. A verdade é que ainda hoje, meio século volvido sobre a sua primeira edição, o *bestseller* guindado a clássico continua a atrair leitores de todo o mundo, encontrando-se traduzido para mais de 60 idiomas (incluindo uma edição em braille) e sendo objeto das mais variadas e originais adaptações e recriações. Trata-se de um sucesso ao qual não estiveram alheias as diferentes comemorações em torno da sua publicação, a começar pelo destaque, em 2009, ao seu 40.º aniversário, e que, entre outras iniciativas, como exposições, encenações ou representações teatrais, entrevistas ao autor e publicações, ou a própria criação de uma linha de produtos (desde jogos, brinquedos, postais e selos, a artigos de decoração e vestuário, etc.), registada sob a marca “The World of Eric Carle”<sup>64</sup> e baseada nos livros e obras de arte do autor, também influenciou a reescrita e/ou a adaptação do seu texto em diferentes línguas e configurações.

Obra de receção transversal ou “transgeracional” (Beckett, 2009), o êxito que conheceu mundialmente, com especial relevo no Reino Unido, logrou mesmo potenciar uma proliferação de formatos: desde os livros de banho, de tecido ou com texturas, aos livros com abas (ou *lift-the-flap*) e aos *pop-up*, passando pelos livros-fantoches, livros-acordeão, livros-puzzle ou livros de atividades, entre muitos outros. Na verdade, compõem uma panóplia de produtos, inserível na categoria do livro-brinquedo (Haining, 1979; Martins & Silva, 2017), e cuja análise escapa aos limites deste breve estudo, mas da qual facilmente se capturam, numa leitura global apriorística, alguns dos seus traços mais diferenciadores. Situados num limbo entre o livro e o brinquedo, destinados a leitores cada vez mais novos (incluindo bebés e crianças na primeira infância), estes volumes ajustam-se a propósitos variados (experimental, lúdico, educativo, etc.), priorizando a dimensão lúdica do suporte e promovendo mais ativamente a sua manipulação, física e sensorial, bem como a sua interatividade, num sem número de possibilidades de leituras e significados.

Potenciando o dialogismo com a obra original, estas publicações diferenciam-se, na sua globalidade e, desde logo, ao nível do texto verbal, que ora

---

<sup>64</sup> Disponível em secção própria, no sítio oficial do criador, em <http://www.eric-carle.com/home.html>.

surge abreviado, assumindo uma função estética e suscitando um envolvimento emocional, ora se vê completamente anulado, concedendo primazia à imagem na criação do contexto e da significação. Paralelamente, e mesmo nos casos de formas narrativas adaptadas, estes volumes possuem como elementos transversais (ou dialogantes) o destaque da lagartinha e a ação sequencial que desenvolve, bem como a metáfora e a sugestão poética em torno do seu processo de crescimento e metamorfose, a par da recuperação de conceitos básicos (e.g., números, cores, dias da semana, etc.), substantivados por jogos paralelísticos e repetitivos.

Já os seus formatos, concebidos mediante os objetivos e o leitor-alvo da publicação, visam, acima de tudo, a potencialização de interações intuitivas e/ou sensoriomotoras, valorizando, ainda, os efeitos lúdico, estético, funcional e, por vezes, até, narrativo dos seus paratextos (como os invólucros, as pegas, os peluches e outros acessórios lúdicos, etc.), que formam parte integrante da montagem do livro, suscitam interesse e instauram sentido na composição.

### **3. A edição de *A Lagartinha Muito Comilona* em Portugal**

As celebrações em torno do nascimento da célebre lagartinha serviram igualmente de pretexto para a sua (re)publicação em Portugal, *corpus* sobre o qual escolhemos fazer incidir a nossa atenção mais demorada. A par das sucessivas reedições no seu formato original/tradicional, chegam às mãos dos nossos leitores duas edições especiais, que, mantendo ambos textos verbal e visual originais, se distinguem ao nível do suporte e da sua configuração gráfica.

Possivelmente associada à recente e tímida valorização da ilustração e do *design*, especialmente na edição portuguesa voltada para primeiros leitores, e à entrada tardia do livro-álbum em Portugal, a obra mais popular de Eric Carle, que conheceu uma primeira versão adaptada e traduzida para português no romper da década de 1990, pelas Edições Círculo de Leitores, sob o título *A Lagartinha Comilona*, mas, entretanto, retirada de catálogo, só regressa aos nossos escaparates em 2007, com chancela da Kalandraka.

Com idêntico formato (29 x 21 cm), mas com título e texto renovados, numa tradução de Ana Aires e Isabelle Buratti, porventura, mais fiel ao original, a sua publicação em Portugal, quase 40 anos depois da sua criação, constitui um marco no panorama editorial nacional, oferecendo aos mais novos um

clássico mundial da literatura de potencial recepção infantil, com ilustrações expressivas e um *design* inovador.

Com efeito, o livro-álbum narrativo, já classificado por Sara Reis da Silva no universo dos “livros perfurados”, destaca-se, ao nível gráfico, pelo “corte diferenciado e gradativo (crescente)” (Silva, 2017, p. 46) do núcleo central de páginas percorridas pela lagarta-protagonista, bem como pelos múltiplos buracos corporalizados nos diferentes alimentos que vai descobrindo e comendo.

A leitura converte-se, deste modo, numa experiência lúdica que torna visíveis e palpáveis as ações da lagartinha, reforçando o caráter lúdico e interativo da publicação, e contribuindo mais ativamente para a construção da mensagem e da significação.

Concebida por ocasião do seu 45.º aniversário de publicação, chega-nos em 2014 uma edição especial, cuja particularidade reside sobretudo na sua capa, além do formato consideravelmente ampliado (36,5 x 26 cm).

Apoiado na técnica da impressão lenticular (ou *scanimation*), que permite que a imagem se movimente e modifique mediante a orientação espacial ou o ângulo de observação, este peritexto inaugural possibilita ao leitor assistir, em segundos, ao ciclo evolutivo da lagartinha, recriando e tornando mais realista, através de uma “abordagem rítmica, sucessiva [e] animada” (Paiva, 2001, p. 107), todo o seu processo de crescimento e transformação.

Este jogo ótico, de nítido potencial narrativo, coloca, assim, o leitor no lugar de “regente do movimento” que, ao manipular/acionar o livro na busca de sentidos, se volve também “articulador do diálogo em ação” (Paiva, 2001, p. 134). O convite que sugere ao leitor para manuseá-lo e surpreender-se com os seus efeitos, aumentando o seu desejo de avançar na leitura, faz também deste volume um livro-objeto iniciático (Morlot, 2014), capaz de, simultaneamente, desafiar a curiosidade e induzir um comportamento leitor. Da relevância e do contributo dos peritextos, enquanto “poderosa ferramenta de atratividade”, capaz de condicionar as expectativas do leitor, lembrara-nos também Ana Paula Paiva, afirmando que “[...] ajudam a criar apelos que tendem a aumentar a sedução pelo objeto livro” (Paiva, 2011, p. 169). No caso desta edição, a valorização do peritexto, que agrega aos seus potenciais lúdico e atrativo um ónus narrativo, é igualmente sugerida pelo jogo capa/contracapa e a unidade semântica que explora. Repare-se, pois, como, na sua articulação com a capa, a tradicional imagem da contracapa deixa adivinhar o recomeço de um ciclo, sublinhando a circularidade da

diegese e a dimensão simbólica da obra, que é também, se quisermos, a celebração da vida – e da sua finitude.

Importa sublinhar que a oportunidade de surpresa visual, intencionalmente suscitada desde a capa, resulta ainda das ilustrações expressivas em páginas de grandes dimensões, bem como do original/tradicional (re) corte e perfuração das páginas centrais, que, de forma visual, tátil ou sinestésica reforçam a aproximação viva do conteúdo.

Acabada de publicar, precisamente em março de 2019, com o mesmo selo da Kalandraka, *A lagartinha muito comilona* celebra os seus 50 anos em Portugal com uma edição *pop-up*. Num formato tridimensional, que recupera a ludicidade, o dinamismo e o mistério ideados à volta da pequena heroína, as imagens ganham agora vida a cada virar de página, através de esculturas tridimensionais em papel e elementos móveis, como as abas ou as dobragens. Trata-se de um tipo de configuração de cuja essência constituem muitos dos seus peritextos e que funciona mediante a sua manipulação e o acionamento do abrir e fechar de página, a fim de se lhe descobrir o seu sentido oculto (Nikolajeva & Scott, 2001; Linden, 2013; Chassagnol, 2014).

Conferindo profundidade à ilustração, esta sofisticada engenharia de papel permite que cada imagem (ou signo) veja a sua forma plástica magnificada, tratada de forma quase antropomorfizada, numa poesia visual que incita a criança à sua contemplação. Espaço a percorrer ou a atravessar, este livro-objeto ganha pertinência pela arte da encenação (ou *mise en scène*) que, impondo avanços e recuos nas páginas, convida o observador a uma leitura espontânea e lúdica. Aqui se levanta também, necessariamente, a questão da postura do leitor, estimulado a olhar de cima, a deitar-se ou a inclinar-se, para tirar partido dos diferentes pontos de vista que lhe oferece cada página aberta. Rompendo com a linearidade subjugada ao virar de página sequencial, a leitura passa, assim, a depender das decisões do leitor na hora de manipular o livro (Taberner Sala, 2017). De salientar o pequeno formato deste *pop-up* (23 x 16.5 cm) que, mostrando ter no seu destinatário preferencial a criança, facilita a sua manipulação, prevendo um contacto mais próximo e íntimo com o livro e a própria leitura.

#### 4. Considerações finais

A breve análise que levámos a efeito, centrada num *corpus* restrito de reedições e adaptações do livro-álbum clássico de Eric Carle, *A Lagartinha Muito Comilona*, é reveladora da diversidade de formatos e (re)configurações de

que tem sido alvo. Reclamando uma leitura conjunta e dialogada entre texto, imagem e suporte, os livros-brinquedos analisados demonstram, desde logo, ser pensados e concebidos para um espectro de leitores cada vez mais novo, valorizando a manipulação experimental das linguagens visuais e sinestésicas, e expandindo, simultaneamente, o acesso à arte pela criação do interesse da leitura pelo lúdico.

Além disso, favorecendo uma aproximação física do objeto, conduzindo o leitor, muitas vezes não-letrado, a mergulhar no seu espaço e a apropriar-se do seu suporte como forma de aceder à mensagem, estes livros, como em outro contexto explicitámos (Rodrigues, 2017), também simbolizam uma renovação no conceito de leitura, pela implicação de uma sua nova gestualidade. Independentemente de tudo, fica claro que um dos seus principais interesses, mesmo sem muitas vezes se apoiarem num texto ou numa narrativa, mas antes jogando com efeitos visuais, jogos de cores e formas, e qualidades plásticas, é, pois, o de contribuir para instaurar no pequeno leitor uma primeira experiência com o livro e do ato da leitura.

Nessa medida, destaca-se também, necessariamente, a importância da mediação, desde logo, na seleção de materiais com valor estético e/ou literário. Um aspeto, aliás, que permite introduzir no debate outra questão não raras vezes invocada neste terreno de reflexão sobre o livro-objeto/brinquedo, como é a do dúbio esbatimento de fronteiras entre o livro literário e não-literário. A revisitação deste clássico, por via da sua recriação ou reconfiguração para um universo vasto de formatos não só contribui para a sua atemporalidade, como abre, justamente, ao leitor a possibilidade de enriquecimento da sua enciclopédia de leituras e de estimulação de um “intertexto partilhado” (Ramos, 2018, p. 116). Sugerindo, pois, um percurso de leitura hipertextual (Taberner Sala, 2017), o contacto físico, livre e manipulativo que estas propostas promovem com um universo/hipotexto conhecido permitem ao leitor a reconstrução de memórias que o orientam na exploração dos livros, surpreendendo-o com as suas novas formas de animação e diversificando, portanto, os seus horizontes de expectativas.

Finalmente, e esperando por aqui contribuirmos para a compreensão do livro-objeto como uma espécie de metamorfose do objeto-brinquedo ao objeto-livro (Morlot, 2014), que esta breve reflexão – nunca suficiente para descrever a virtuosidade de uma obra clássica como a que escolhemos convocar –, nos sirva também e em boa hora para homenagear e aplaudir esta lagartinha muito *brincalhona* que, este ano, está de parabéns.



## Referências bibliográficas

### Obras de Eric Carle analisadas

Carle, E. (2007). *A Lagartinha Muito Comilona*. Matosinhos: Kalandraka.

Carle, E. (2014). *A Lagartinha Muito Comilona*. Edição especial. Matosinhos: Kalandraka.

Carle, E. (2019). *A Lagartinha Muito Comilona*. O Meu Livro Pop-up. Matosinhos: Kalandraka.

### Outras obras de Eric Carle citadas

Martin JR., B. (1967). *Brown Bear, Brown Bear, What Do You See?* (ilust. Eric Carle). New York: Doubleday

Carle, E. (1968). *1, 2, 3, To The Zoo*. New York: Penguin Putnam, Inc.

Carle, E. (1969). *The Very Hungry Caterpillar*. New York: Penguin Putnam, Inc.

Carle, E. (1970). *The Tiny Seed*. New York: Thomas J. Crowell.

Carle, E. (1975). *The Mixed-Up Chameleon*. New York: HarperCollins.

Carle, E. (1977). *The Grouchy Ladybug*. New York: Greenwillow Books.

Carle, E. (1990). *The Very Quiet Cricket*. New York: Philomel Books.

Carle, E. (1995). *The Very Lonely Firefly*. New York: Philomel Books.

Carle, E. (2002). *The Art of Eric Carle*. New York: Philomel Books.

### Estudos

Beckett, S. L. (2009). *Crossover Fiction: Global and Historical Perspectives*. New York: Routledge.

Chassagnol, A. (2014). Pop-up ! L'esthétique du déploiement ou les débords du livre-Objet. *Le Français Aujourd'hui*, "Les nouveaux livres-objets", 2014/3, n.º 186, 22-33.

Haining, P. (1979). *Movable Books: An Illustrated History*. Londres: New English Library.

Linden, Sophie V. Der (2013). *Album[s]*. Éditions De Facto/Actes Sud.

Martins, D. (2017). Livro-brinquedo: contributos para uma tipologia. In: Ramos, A.M. (Org.). *Aproximações ao Livro-Objeto: das potencialidades criativas às propostas de leitura* (pp. 25-41). Porto: Tropelias & Companhia.

Martins, D. & Silva, S. R. da (2018). Contributos para a História do livro-objeto/brinquedo em Portugal: alguns volumes de fazer Oh!. In: CONFIA. *VI International Conference on Illustration & Animation* (Atas de congresso) (pp. 447-457). Esposende, julho 2018.

Morlot, P. (2014). Le livre-objet et l'émergence de l'enfant lecteur. *Le Français Aujourd'hui*, "Les nouveaux livres-objets", 2014/3, n.º 186. 105-113.

Nikolajeva, M. & Scott, C. (2001). *How Picturebooks Work*. New York: Routledge.

D'Angelo, B. (2013). Entre materialidade e imaginário: Atualidade do livro-objeto. *Ipotesi, Juiz de Fora*, v. 17, n.º 2, jul./dez. 2013, 33-44.

Paiva, A. P. (2013). *Um Livro Pode Ser Tudo e Nada: Especificidades da Linguagem do Livro-brinquedo*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Ramos, A. M. (2018). Do clássico infantil ao livro-brinquedo: Panorâmica das recriações de Pedrito Coelho em Portugal. *Elos. Revista de Literatura Infantil e Juvenil*, 5, 'Artigos', 101-118.

Rodrigues, C. (2017). Do livro-álbum ao livro-brinquedo: *Tobias às fatias* e outros livros 'fatiados'. In: Ramos, A. M. (Org.). *Aproximações ao Livro-Objeto: das potencialidades criativas às propostas de leitura* (pp. 71-83). Porto: Tropelias & Companhia.

Silva, S. R. da (2017). Livros 'perfurados': singularidades e potencialidades. In: Ramos, A. M. (Org.). *Aproximações ao Livro-Objeto: das potencialidades criativas às propostas de leitura* (pp. 43-55). Porto: Tropelias & Companhia.

Taberner Sala, R. (2017). O leitor no espaço do livro infantil. Para uma poética da leitura a partir da materialidade. In: Ramos, A. M. (Org.). *Aproximações ao Livro-Objeto: das potencialidades criativas às propostas de leitura* (pp. 181-199). Porto: Tropelias & Companhia.